



INTOXICAÇÕES EXÓGENAS AGUDAS NA INFÂNCIA: FATORES RELACIONADOS À INTERNAÇÃO E PERFIL EPIDEMIOLÓGICO

Marcella Moreira Alves¹; Aline Rocha Oliveira²; Laís Teles Corrêa Monteiro de Castro³; Carolina Santoro Bueno⁴; Valdecir Gonçalves Bueno⁵.

¹Graduando em medicina pelo CEUB, Brasília- DF,
marcella.moreiraalves@gmail.com;

²Graduando em medicina pelo CEUB, Brasília- DF, aline.rocha@sempreceub.com;

³Graduando em medicina pelo CEUB, Brasília- DF, lais.teles@sempreceub.com;

⁴Graduando em medicina pelo CEUB, Brasília- DF,
carolina.sbueno@sempreceub.com;

⁵Médico, Brasília- DF, valdecirbueno77@gmail.com.

INTRODUÇÃO: As intoxicações exógenas agudas na infância constituem um importante desafio de saúde pública devido à alta frequência de ocorrências e ao potencial de morbimortalidade associado. Crianças pequenas, especialmente aquelas com menos de cinco anos, são particularmente vulneráveis em função de características comportamentais e fisiológicas. As principais vítimas são as crianças com idade entre 0 e 5 anos, do sexo masculino e residentes em zonas urbanas. Os agentes tóxicos mais comuns incluem medicamentos, produtos de limpeza, pesticidas e cosméticos, geralmente armazenados sem segurança adequada no ambiente domiciliar. **OBJETIVOS:** O presente artigo tem como objetivo integrar os achados de cinco estudos sobre intoxicação exógena infantil, com foco nos fatores associados à hospitalização, perfil clínico-epidemiológico dos pacientes e implicações para a saúde pública. Pretende-se, assim, contribuir para a formulação de estratégias preventivas e de manejo clínico eficaz. **METODOLOGIA:** Os artigos analisados adotaram delineamento retrospectivo e descritivo, com revisão de prontuários e dados secundários. Foram considerados estudos realizados no Brasil e em Portugal, abrangendo crianças de 0 a 14 anos atendidas em serviços de urgência e hospitais universitários. As variáveis investigadas incluíram faixa etária, sexo, agente tóxico, via de exposição, tipo de intoxicação (acidental, tentativa de suicídio, erro terapêutico), presença de



sintomas, tempo de internação e desfecho clínico. **RESULTADOS:** Os dados revelaram que crianças de até cinco anos representaram a maioria dos casos, com predomínio do sexo masculino nas intoxicações acidentais. Já nas tentativas de suicídio, houve maior ocorrência entre adolescentes do sexo feminino, especialmente entre 10 e 14 anos. Os medicamentos foram os principais agentes envolvidos, seguidos por produtos de limpeza e pesticidas. As vias de exposição mais comuns foram oral e inalatória. A maioria das intoxicações foi considerada leve, mas episódios com múltiplas substâncias ou exposição a pesticidas foram associados a maior gravidade e internação prolongada. O tempo de internação variou de 1 a 15 dias, com média de 3,3 dias. Os sintomas mais frequentes incluíram vômitos, sonolência, convulsões e dificuldade respiratória.

DISCUSSÃO: Os achados refletem a importância de medidas preventivas voltadas à segurança no ambiente doméstico, incluindo o armazenamento adequado de substâncias tóxicas. A exposição predominante em ambiente domiciliar reforça a necessidade de orientar pais e cuidadores quanto à segurança infantil. Além disso, o tempo entre a exposição e o atendimento médico foi apontado como fator crítico, pois a demora no atendimento pode agravar o quadro clínico e aumentar o tempo de internação. A análise também destaca a importância da notificação compulsória e da padronização dos protocolos de atendimento para intoxicações pediátricas. A maior vulnerabilidade fisiológica das crianças e o fácil acesso a substâncias perigosas tornam esse grupo particularmente exposto a riscos evitáveis.

CONCLUSÃO: As intoxicações exógenas em crianças configuram eventos frequentes, potencialmente graves e, na maioria das vezes, preveníveis. As evidências apontam para a necessidade de reforço nas ações de educação em saúde, regulamentação da rotulagem e embalagem de produtos tóxicos, além da capacitação das equipes de saúde no reconhecimento e manejo precoce dos casos. Intervenções voltadas à segurança no lar e à vigilância epidemiológica são fundamentais para a redução da incidência e gravidade das intoxicações na população pediátrica.



PALAVRAS-CHAVE: Acidente doméstico 1; Emergência pediátrica 2; Intoxicação infantil 3.

REFERÊNCIAS:

1. CUNHA, G. R. da et al. Acute exogenous intoxications in childhood: factors related to hospitalization. *Revista Paulista de Pediatria*, São Paulo, v. 37, n. 4, p. 414–420, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1984-0462/2019;37;4;00013>. Acesso em: 7 maio 2025.
2. RIBEIRO, V. S. et al. Acute toxic deposits in children. *Revista Brasileira de Toxicologia*, [s.l.], v. 32, n. 2, p. 172–178, 2019.
3. RIBEIRO, V. S. et al. Internações por intoxicação de crianças de zero a 14 anos em hospital de ensino no Sul do Brasil, 2006-2011. *Revista Brasileira de Toxicologia*, [s.l.], v. 26, n. 1/2, p. 20–26, 2013.
4. SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. Intoxicações exógenas agudas. *Manual de Orientação – Toxicologia*, Rio de Janeiro, n. 3, p. 1–11, 2018.
5. RANGEL, L. M. et al. Acute intoxication in the pediatric age. *International Archives of Medicine*, [S.l.], v. 13, p. 1–9, 2020. Disponível em: <https://imed.pub/ojs/index.php/iam/article/view/2472>. Acesso em: 7 maio 2025.